



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Pto. Exma. Snra.
D. Maria Margarida Ferrel
Rua das Flores, 281
PORTO



8 DE JUNHO DE 1957
Ano XIV — N.º 346 — Preço 1800

Facetas de uma Vida

Em 1923 fui de abalada até à Metrópole para matar saudades de meus Pais e irmãos que há um ano se haviam retirado de Lourenço Marques.

Uma tarde, em Valença, terra de minha mãe, quando regressava a casa de um passeio que havia dado até à Ponte Internacional, apareceu-me o Américo acompanhado de uma mulherzinha, bagageira da estação, dizendo-me ainda de longe: «Estou farto de te procurar e estava a ver que não te encontrava».

Eu, que sempre brincava muito com ele, disse-lhe: «E depois? Primeiro cumprimenta, depois diz ao que vens».

— Sempre o mesmo garotão! Dá cá um abraço, meu maroto!

Pazes feitas, amigos como sempre.

— Olha menino, eu preciso de ir a Tui, falar com o director do Colégio Português, mas não tenho salvo-conduto. Vê se me arranjas a passar.

— Não vai ser fácil, mas vamos ver.

Eu dava-me com o então chefe da Polícia Internacional, que era amigo duma pessoa de minha família. Falei-lhe e comprometi-me a voltar naquela própria tarde acompanhado do Américo.

A pé, lá seguimos ao destino. Lembro-me que chegados ao Colégio, batemos à porta e apareceu um frade que perguntou ao que íamos. O Américo informou-o de que pretendia entregar uma carta ao Superior do Colégio, que, por acaso, na ocasião não estava, segundo informação do mesmo frade, «mas contudo que entrasse», o que aconteceu.

Eu fiquei numa salinha que havia à entrada. Passaram-se 30 minutos, passou uma hora, passaram duas e o Américo não havia maneira de aparecer.

Sobre uma mesa que havia na salinha estava um livro de imagens que eu vi de diante para trás e de trás para diante. Entrei-me a ver os garotos do Colégio a brincarem na altura do recreio, contemplei a paisagem que da janela da tal salinha se divisava e vi as estrelas que começavam a aparecer no céu, porque era quase noite. Estava já desesperado com tanta demora porque havia prometido regressar a Valença naquela mesma tarde e estava a ver que a ponte fechava. O que diria a fa-



Os «Encanecidos»

mília que não sabia onde eu parava? O que pensaria o funcionário prestimoso por eu não regressar?

Quando o Américo apareceu depois de mais de duas horas de espera, explodi, mas não descrevo a explosão...

Tivemos que correr para a ponte porque procurar um carro seria perder tempo, seria fi-

carmos condenados a permanecer do lado de Espanha. Por isso, condenei o Américo a correr, a pagar-me o jantar no Hotel Rio Minho, onde estava hospedado, e a aturar-me até às tantas da noite a conversar sobre coisas de África, pecha velha quando dois africanistas se encontram.

Artur Meirim

AQUI, LISBOA!

Os tempos actuais são de regresso declarado ao cristianismo da primeira hora. Hoje, como então, os homens espantam-se com a atitude dos cristãos. É o sinal.

Naquelas ágapes eucarísticas encontravam-se a par escravos e Senhores. Havia o abraço fraterno. E a seguir o ajoelhar lado a lado para a recepção do Corpo de Cristo.

Ora na Curraleira igual proceder se presencía. Ali, são as dezenas os «tocados». Não há beco, nem barraca, nem aglomerado humano sem exemplares. Uns de cama, outros arrastando-se para não perderem dias e poderem prover às necessidades familiares. Pois, um grupo de vicentinas repartindo-se ao longo da semana, ali se desloca a mitigar sofrimentos e dores. Esposas de bancários, médicas, senhoras da nossa mais alta sociedade, com meia dúzia de criadas em casa, põem seus aventais, e preparam a sopa dos pobres doentes. É uma «revolução». Mas o egoísmo contemporâneo só pelo amor é vencido.

Trabalham com a máxima discreção, como é do preceito da Caridade.

Não fazem alarde. É no silêncio. Não se afadigam com os precisos, porque eles vêm na hora própria. E já vão em quinzentas as sopas dos doentes. Confiam e nada lhes tem faltado. Também é promessa sempre cumprida do Mestre. E, repito, sem ajuda oficial, estão a distribuir meio milhar de sopas, umas saboreadas no posto, logo à entrada da Curraleira, outras à cabeceira dos doentes. Nem é cantina, nem centro, nem nada do costume. É a Caridade a ferver o caldo dos Pobres e mãos cristãs a reparti-lo.

Eu nunca vi aquelas senhoras tão cristãs como

Um dia um sacerdote de muita nomeada definiu assim a Obra da Rua: «É uma explosão do Sobrenatural».

Vós sabeis o que é o Sobrenatural. Em si mesmo, sobrenatural é o mesmo que divino. É aquilo que compete só a Deus e transcende em absoluto qualquer exigência ou qualquer possibilidade de toda a natureza, que não seja a de Deus, a «Sobrenatureza».

Mas Deus comunicou-Se aos homens. E estes, passaram a participar do Sobrenatural. Adquiriram títulos exigitivos e possibilidades novas, infinitamente desproporcionadas à natureza humana, que Deus graciosamente lhes concedeu.

O Sobrenatural participado é um enxerto do divino no humano. Por ele, nós, permanecendo homens, somos capazes de acções de valor divino, que exercemos à maneira das acções próprias da natureza humana: pela inteligência; pela vontade. Mas a seiva que vivifica essas acções, aparentemente naturais, é divina. Por isso os seus frutos têm sabor de eternidade.

Eis a razão por que aquele sacerdote definiu assim a nossa Obra. Ele viu-A, meditou-A, e não encontrou a explicação dos efeitos em causas naturais. «Ela é uma explosão do Sobrenatural».

Nós sabemos que sim. Sabemo-lo por experiência própria.
— Continua na 3.ª pág. —

O «Doutrina»

Meu dito, meu feito.

Ainda o Jornal passado ia a entrar na máquina quando apareceu aí o primeiro livro devolvido. Junto, um bilheteinho:

«Meus queridos amigos: Junto o livro — Doutrina — que me enviaram a fim de o trocar por outro que esteja completo.

Como podeis verificar na nota junta, tem páginas trocadas e falta de outras.

Peço-vos, porém, que não demorem a enviar outro por troca, pois que ansiosamente o aguardo para acabar de ler, bem como meus filhos».

«Ó felix culpa!...» Ó adorável engano, que proporcionaste uma tal declaração de amor!

É um Pai do Porto. Um Pai que nos ama: «Meus queridos Amigos»...

Que nos ama por amor da sua alma e da dos seus filhos: «...não demorem...» pois que ansiosamente o aguardo para acabar de ler, bem como meus filhos».

Ó adorável engano!

x x x

O livro continua a sair. Não sei ao certo o ritmo, mas não é propriamente o do século. O critério é o da ordem alfabética. Vai nos A.

Ainda hoje apareceu uma Ofélia a perguntar quando a sua vez. Uma de entre muitas que «aguardam ansiosamente», amorosamente. Tenha paciência, minha senhora. Ainda falta um bocadinho.

E tenha esperança... Talvez na próxima edição sigamos a ordem alfabética... a contar dos Z.

Padre Baptista

Visado pela Comissão de Censura

VISTAS DE DENTRO

*** Grilos. Nem isto seria a Casa do Gaiato se viesse o Maio e não viessem grilos.

Grilos são o interesse dominante no momento que passa. Ele à nossa mata; ele aos campos vizinhos; ele, nas excursões a Beire. Depois, há trocas; há concursos de cantadores; há negócios com os rapazes do Lar, de que os da venda são intermediários... São grilos nas camaratas, deles no refeitório; deles nas oficinas... E na Capela, às vezes, eles rivalizam nos louvores de Deus com os seus proprietários.

Cá em Casa ninguém foge à sedução dos grilos. Nem os do bigode!, nem os «intelectuais»! Joaquim Bonifácio está no Porto, «sprintando» maio Augusto para o 2.º ano do Liceu. Aos sábados vêm aí. Pois já um deles, Bonifácio se me vtió gabar: «Eu fui aos grilos». Ora vejam os senhores!

*** Há tempos inaugurámos no refeitório grande, mesas e bancos novos. Ora as mesas antigas tinham uma prateleira que servia para guardar muita coisa: piões, bolas, ganchetas dos arcos, chaves e, sobretudo, a broa sobrando da refeição. Pois as novas não têm.

Mudaram as mesas. Os costumes não. E eis de como, passados poucos dias, eu fui dar com pedaços de broa pendurados por um cordel dos ferros interiores das novas mesas.

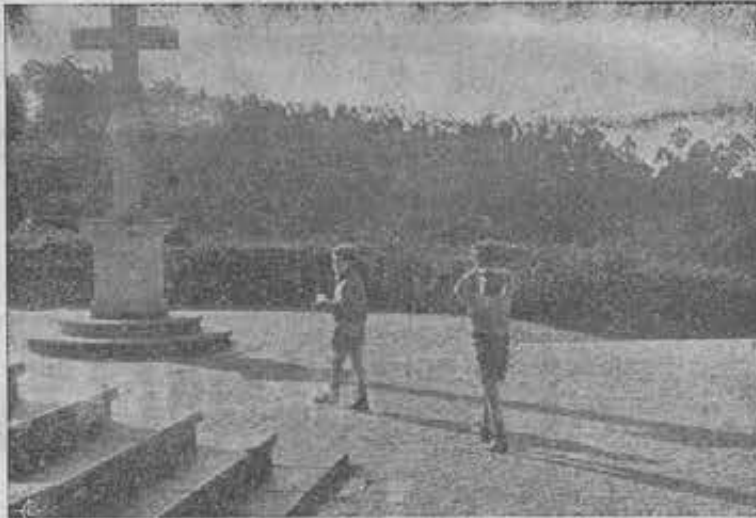
*** Era a hora do correio. Como sempre, Avelino, depois de abrir as cartas, enquanto as lêo, lê o diário. Hoje na 1.ª página vinha uma grande fotografia do Palácio da Bolsa. Era uma estrela de oito braços formada pelas mesas do banquete. Em página inferior outra foto mostrava outra mesa, a do almoço «volante» no Infante de Sagres.

Ora o Congresso dos Chefes de Redacção dura há vários dias. Começou em Lisboa e agora aqui no Porto teve o seu epílogo.

Avelino é o chefe de Redacção do «Famoso». Podia ter sentido há mais tempo o melindre de não haver sido convidado. Podia sim, mas não sentiu. Foi hoje, só hoje... à vista da estrela de oito braços no Palácio da Bolsa e da mesa do almoço «volante» no Infante de Sagres.

*** Um dia destes foi aí um «xari-vari» medonho. É o caso que com as mesas e os bancos novos se estrearam talheres novos. Ora colheres e garfos, cá em casa, é uma consunção. Eles a entrarem, eles a desaparecerem. Não podia ser. Estudou-se a forma. Chamaram-se os refeiteiros e os facheiros da copa e estabeleceram-se uma cadeia de responsabilidades: os refeiteiros respondem perante os chefes; os da copa perante os refeiteiros.

Porém, apesar de todos os cuidados aqui há dias desapa-



«E no Cruzeiro, em frente da Capela!»

receu um garfo. Quem foi, quem não foi...

«Fagulha» passado pouco dá com um copo no armário do Jorge. «Cesteiro que faz um cesto... faz um cento». «O garfo... deve ser ele» — foi a conclusão. E ninguém livrou o Jorge da justiça de Fafe. Melo, «Tira-Olhos», «Caracas» e Manuel Bucha foram os executores da sentença sumária. Eu de nada sabia e talvez de nada soubesse, se não fora o réu fugir nos seus algozes e empoleirar-se no Cruzeiro, frente à Capela, a falar mal. Ora isto é que passou da alçada dos Juizes, que me vieram fazer queixa, indignados, das tropelias todas do Jorge e mais daquela de falar mal... «e no Cruzeiro, em frente da Capela»!

*** As cinco da tarde quase sempre surjo à janela do escritório a chamar por um que me leve ao Roque o correio do dia. Ontem o primeiro que vi foi o «Zé Caracas». De balde na mão ia à sua vida.

Chamei-o. Poison o balde •

veio num instantinho saber do recado.

Entreguei-lhe as cartas e fui também à minha vida. Largos minutos passados encontro «Zé Caracas» no corredor do 1.º andar da Casa-Mãe, direito aos aposentos das Senhoras. Ainda de cartas na mão.

— Ó Zé, então o correio...? — Ando à procura da senhora pra pedir licença pra ir lá baixo.

O Roque trabalha na tipografia. Esta fica fora da área dos serviços do «Caracas». Não valeu de nada ser eu o responsável do recado. Ele é «funcionário» da Casa-Mãe. A Senhora aqui é quem manda... Eu não disse nada. Deixei-o ir em busca da Senhora, pedir licença para me prestar aquele serviço. Não disse nada pra fora, mas pra dentro sim.

Foi do caos que Deus partiu pró Universo organizado. Cá também é assim. Uma vez mais à imagem e semelhança de Deus.

Ó adorável «desorganização organizada»!

Chales de Ordins

Sem fé, não se vê Jesus Cristo no Pobre e no Doente e acabará o homem por nem ver nele o seu semelhante. Semelhante, um esfarrapado? Um louco? Um leproso? O homem-animal que tudo mede pelas razões do terreno e do carnal encontrará, sim, os seus semelhantes, mas nas salas de jantar ou nos doirados salões de baile, onde tudo se move pelos apetites da carne. As «loucuras» da caridade, fruto duma fé viva, capaz de mover montanhas, não são para o homem-animal. Ele acabará por confinar-se dentro dos estreitos horizontes do seu egoísmo. faltando a primeira virtude teológica igualmente falta a caridade. E, na proporção daquela, cresce esta.

Se não vê o seu semelhante também, sem fé, o homem acabará por não ver a si mesmo nas devidas dimensões, passando a levar uma vida de animal, esquecido da sua racionalidade. E, assim fará do mundo uma floresta de chacais, onde a espécie se devorará a si

mesma. Apetece, pois, concluir com Tertuliano: «O homem é naturalmente cristão», i. é., só dentro do Cristianismo atingirá a sua medida: só pela graça poderá ser homem, segundo os planos traçados por Deus Criador e Redentor. E assim, sob pena de tudo ser uma ilusão e um aviltamento, a sua fé, como vida que é, tem de alimentar-se e manifestar-se pela recepção dos Sacramentos e pelo exercício da Caridade.

Do Porto, um comerciante «a bem de Deus e dos Pobres» vem com 300\$ para chales, sendo 150\$ de acréscimos. Começando por perder em tal «negócio», mostra ser bem mais do que um simples comerciante.

De Faro, uma Maria do Céu pede um dos médios e escreve: «É com o maior interesse que toda a minha família vai seguindo o desenvolvimento dessa Obra de tão grande repercussão no mundo das almas, sobretudo dos que sofrem amargamente na sua carne e na sua alma as consequências da ausência em nós da Virtude por excelência a Caridade».

Padre Carlos, feito recoveiro de Ordins, entrega lá no Porto um chale e cá, sem maquiagem, 100\$00. Outra

TRIBUNA DE COIMBRA

O Pai América chamaria a esta Tribuna De como eu fui 6 Alentejo e do que por lá vi.

Partimos de Miranda. Zé Grilo, Castelinho, e eu, no fim do caldinho do meio dia. Era dia de sol quente. A primeira etapa era para ser Tancos, aonde seria a entrega de mais três casas, mas não foi; foi Alpiarça.

Junto à Igreja estavam as Senhoras Vicentinas e os Senhores da Comissão do Património. Falam das necessidades daquela vila e esperam poder resolvê-las. O Senhor Presidente da Câmara, que comprou o terreno, disse que o problema económico-social dos pobres não pode ser estranho a quem está constituído em autoridade.

Disse muito bem. Fez uma grande afirmação de doutrina para todos aqueles que têm de governar. Não podemos ser estranhos. Todos os problemas sociais têm de inquietar quem está à frente. Enquanto há Câmaras que se atravessam, a de Alpiarça comprou o terreno e colocou-o à disposição de seus pobres. Honra lhe seja feita e seu exemplo seja seguido.

De Alpiarça até Arroios foi uma corrida. Os vicentinos e vicentinas e outras pessoas já estavam à nossa espera. Fizemos uma pequenina palestra no salão paroquial. Foi tudo em família. Pediram-nos para falar do Pai Américo. Arroios é um mino e tem um mino de Património. Trazem em mente um Calvário e uma escola com oficinas. Esperamos que vejam em breve realizado o seu sonho. Partimos já noite em direcção à nossa Casa de Setúbal.

No dia seguinte fomos ver um pequenito nosso, agora internado no Sanatório Marítimo do Outão. Sempre que lá vamos, ficamos presos àquele ambiente maravilhoso: o mar, a areia, a paisagem, a verdura da Arrábida, o silêncio, a harmonia da natureza, a dedicação das Irmãs, a Grandeza de Deus! Louvores a quem aproveitou assim tudo aquilo para conforto dos doentinhos.

Este nosso doente desde pequenino que andava com o pai, cego, a mendigar de porta em porta. A mãe abandonou-o e juntou-se a outro. Um dia o pai faleceu em Anadia e ele veio para nós. Já conhecia a nossa Casa do tempo em que todas as semanas passava com o pai e pedia o prato de sopa. Era sopinha tão boa, nos tem ele dito tantas vezes.

Dizem os médicos que a descalcificação óssea e a compressão do estômago é resultado da fome que passou em pequenino. Nós acreditamos. São os pecados da nossa Sociedade. Saibamos chorá-los!

À tarde deixamos os nossos companheiros de viagem e o Crisanto, Chefe da Casa de Setúbal, toma o volante. Era sol-posto quando chegámos a Pias. O Senhor Prior tinha-nos pedido para ir ali dizer alguma coisa à sua gente. O assunto foi o Património dos Pobres. Ficou a semente. Deus lhe dê o crescimento e colha o fruto. Era noite alta quando partimos para Beja.

Na manhã seguinte pusemo-nos a caminho do Algarve. Em Ferreira do Alentejo estavam à nossa espera o pároco dali, o de Messejana e o de Grândola. Conversámos sobre as necessidades das suas terras, que são aflições suas. Deus os ajude e os seus paroquianos lhes dêem as mãos.

Em Ferreira fomos visitar um aglomerado de famílias junto à Capela de S. Sebastião. Que nota tão triste naquela vila. Como se pode ali viver naquele ambiente? O Senhor Prior disse-nos muito bem da sua gente e nós dissemos-lhe que não descanse enquanto não der aqueles habitantes condições de vida humana. Aos do bairro de S. Sebastião e aos do Cemitério. Assim o esperamos.

Tomamos novamente o nosso rumo e já a descer a Serra do Caldeirão a nossa Opel teve uma avaria. Veio um mecânico e passada uma hora e meia pusemo-nos outra vez em direcção a Paderne. Aqui não foi difícil encontrar as casas, pois estão à beirinha da estrada. O povo andava em alvoroço a preparar-se para a festa. No fim da entrega, o Senhor que ofereceu aquelas, segredou-me ao ouvido que vão ser construídas mais.

Partimos à tardinha e era já noite quando chegámos a Lagos. Não tivemos força para mais e ficámos.

No outro dia seguimos o nosso caminho em direcção ao norte. Já no Alentejo, nova avaria na Opel. Mais impaciência, mais tempo de espera. Na passagem por Alcácer do Sal falámos com o Pároco e pedimos-lhe para mandar adaptar a antiga Casa do Gaiato Alentejano a habitações de famílias pobres. Lá lá têm abrigo cinco famílias. Ficámos contentes.

De Alcácer a Setúbal foi um pulo. À tarde foi mais uma corrida até Miranda. Tudo junto dá mil e quinhentos quilómetros. Deus se sirva dos nossos passos!

Padre Horácio

vez o Porto, cumprindo uma promessa, ajuda-nos e agasalha um pobre com um dos pequenos. Alfeizerão com 70 um «que fosse muito e muito branquinho e bonito». E foi tal e qual.

De Lisboa, várias ruas vêm ao mesmo: uma, para um de 95 envia 120\$00 com pesar de não enviar mais para uma Obra tão carinhosa. Da Insua um pedido e outro de Vilar — Chão (A. da Fé). E finalmente Cedros do Faial (Açores).

Do Lourenço Marques, uma opinião: «Recebi o chale branco no seu devido tempo e fiquei muito satisfeita porque na verdade é bonito e um trabalho perfeito digno de ser

elogiado e que tem agradado muito às pessoas a quem o cenho mostrados. Quanto à pergunta que faz: Não gastamos outra lá mais fina. Todavia, de futuro, faremos os chales destinados à África mais leves, igualmente seguros e bons.

Padre Aires

Acaba de sair o livro «DOCTRINA»

Se ainda não é, pode inscrever-se como assinante da nossa Editorial.

Do que nós necessitamos

Estava no Lar. Entram um senhor e um pequenito de oito anos. Pai e filho. O Pai adianta-se e, em nome do filho, entrega 100\$00. Tinham sido ganhos pelo pequeno num concurso de acordeon. E ele, espontaneamente, os reservou à Obra do Pai Américo. Deus guarde aquele pequenito e o seu Pai. E lhes guarde para sempre a alegria verdadeira nascida do Bem, tal como naquele instante a denunciava em ambos um sorriso feliz.

Mas desta vez aparecem mais crianças. São da Escola de Sequeiros — Amares. «A Senhora Professora falou-nos do Pai Américo e da vossa Casa e nós resolvemos juntar dinheiro para mandar para ali». E vieram 50\$00, que cada um só pode trazer pouquinho, e abraços. Mais 70\$40 dos alunos da Escola de Águas Santas e 50\$00 dos da Escola N.º 15 do Porto.

Os Universitários mais uma vez quiseram que algo permanecesse das festas de despedida dos seus finalistas. E, como só a Caridade é vida sem fim, eles, de braço dado com alguns dos nossos rapazes, foram pelo Porto em fora e juntaram 21.650\$00. Deus os ajude na nova «etapa» que vão encetar. Agradecemos também o cafézinho oferecido pela Gerência do Imperial aos nossos que andaram nes-

te peditório. É uma tradição tão velha como a Queima das Fitas no Porto.

Mais estudantes. Os da Escola Gomes Teixeira com 640\$00. O Verão vem aí. Mas os dias já são longos e o tempo propício... Aos domingos é por cá uma romaria. Temos notícias de muitos grupos de gente humilde que não parte sem deixar as suas migalhas: «Os Moralistas de S. Victor»; o Grupo Familiar «Nós temos tempo» (quem nos dera poder dizer o mesmo!); «Os Pardais de Silva Porto»; o Clube de Futebol de Valadares; e o Grupo «Devagar se vai ao longe».

A nova «Joanniberg» desta vez teve visitas que se lembraram dela com 500\$00. Esperamos que, mal esteja montada, haja mais dessas visitas de cortesia.

Carolses, calçado, gravatas — tudo precioso — da Covilhã. Do Porto, de C. A. P., quatro embrulhos de roupa de tentar o mais modesto e 100\$.

Duas exclamações de amor conjugal. «Esta importância (100\$00) é da primeira fêria do meu marido após nove meses de doença. Peco uma oração pela continuação das suas melhoras». Outra: «Envio o único dinheiro (95\$00) que encontrei no bolso de meu marido quando faleceu. Peco o favor de uma Missa por alma dele».

Um dia de trabalho de um operário, em acção de graças: 31\$60.

Os nossos Pobres não são esquecidos. «Os 50\$00 do costume para a que só dá pão ao filho quando ele barriga». E mais esta prova de delicadeza com que o «costume» é cumprido: «Vão com quatro imperdáveis dias de atraso (o vencimento é em 9) — mas já o Pai Américo notou que as pessoas com a barriga cheia esquecem facilmente as da barriga vazia...» Assina «O amigo de sempre».

650\$00 «de um casal muito feliz para casais infelizes do Barredo». E um aumento de ordenado. Mais 40\$ para o «paralítico» da Banharia e outros 100\$ para este, da «Mãe que crie em Deus». Mais metade da Murtosa. E o mesmo da Vale de Figueira.

De Tabuaço 500 litros de finíssimo azeite. Eu fui lá por ele. Levei Augusto e Tomar por companheiros. Levámos a Borgward. Eu bem queria aqui contar a viagem todinha e pôr à mostra a «careca» dos meus companheiros. Se não fora a falta de espaço...

O Pessoal da Mobil Oil volta com 58\$50. Mil do Vimeiro, de um diuheiro, que se considerava perdido. Em acção de graças de M. J. I. C. 40\$00. Sementes de «minhos» do Porto. Cem da Mariázinha e Artur. O mesmo: «Migalhas. Vou ser operário. Peco uma pequena oração, se possível».

M. I. manda 60\$00 e descanse que as outras remessas cá têm chegado. Um grupo de empregados de duas firmas mandam 100\$ e pedem uma Missa por alma de Adélio. Cumpru-se. Vinte de Portalegre. Um encómenda da Covilhã, que «constitui uma percentagem sobre os m/ lucros no 1.º ano da m/ actividade comercial».

E África: Beira com 5.000\$00. Um

— Continua na 4.ª pag. —

Campanha dos Cinquenta Mil

Entre o monte de boas notícias, nem sempre publicadas por via do espaço, hemos guardado uma carta. Chegou a vez de a publicar. É de algures. Assinatura ilegível. Passamos a transcrevê-la:

«Junto envio alguns pedidos de assinaturas que consegui angariar para «O Gaiato» e um cheque correspondente à importância total. Como não vem indicada no jornal a importância da assinatura anual, preferi pecar por excesso e pedir 40\$00 pelas assinaturas».

Sugiro por outro lado a conveniência — em prol da campanha dos 50.000 (e porque não dos 100.000?) — de se enviarem a todos os assinantes meia dúzia de impressos no género dos que adoptei para estes novos assinantes, rogando-lhes uns minutos dedicados a favor de «O Gaiato» na procura de novos assinantes. Uma assinatura que cada um conseguisse já compensaria de sobejo. Com o impresso não há dificuldades, nada custa preencher este impresso. O novo assinante só tem que assinar, dizer a sua morada e contribuir. E, por outro lado, não se deita um impresso enviado pelo «O Gaiato» para o cesto dos papéis... E há sempre pelo menos um parente, um amigo, uma «pessoa que nos deve favores» que diz: «quero

renta escudos por ano também nada custa a pagar!».

E «O Gaiato», tem que ser e deverá ser o jornal de maior tiragem dos portugueses».

Isto é uma carta de categoria! É sim senhor. Quem escreve vive «O Gaiato», vive a Campanha. E de tal maneira que mal contente em angariar assinantes, vai mais longe — sugere. Sugere um processo simples de caçar os «cinquenta». Eis ultrapassada a nossa circular! E que bem! Nós, aqui, vivemos deste diálogo. Uma das forças de «O Gaiato» é mesmo deste diálogo. Por isso, vence. Por isso, a tiragem espanta. É o diálogo: «sugiro». Não há a porta fechada. Aqui, não pode haver. A Obra da Rua é uma porta aberta: «sugiro». E que sugestão! E que bem!

Um rectângulo de papel — um terço da nossa circular — dirigida ao «Gaiato». Linha para nome, linha para morada, linha para importância, (quantos não preferem adiantar a bol-a?). Oh sugestão! Pode não ser já realizada. Aguardamos ocasião. E depois... quem «deita um impresso enviado pelo «O Gaiato» para o cesto dos papéis?». Sim, caro Amigo, o nosso jornal «tem que ser e deverá ser o de maior tiragem dos portugueses». Cinquenta, cem mil? Tantos quantos os homens de boa vontade. E há tantos! Há tantos por esse mundo de Cristo! O que é preciso é abanê-los. Dar-lhes um empurrão.

Júlio Mendes

O DIA VICENTINO

Foi uma deputação do Lar do Porto, outra de Paço de Sousa. Éramos seis. Meia dúzia de visitantes de Pobres.

Regressamos tão contentes do Dia Vicentino — festa regulamentar e assembleia geral da Sociedade de S. Vicente de Paulo — que não podemos deixar de manifestar, aqui, o elevado ambiente espiritual que dominou todos os trabalhos, todas as cerimónias.

O Senhor Bispo do Porto —

que olha o movimento com muito interesse — presidiu. A estação da missa e na assembleia geral, falou. Com a sua autoridade de Pastor, com a sua larga visão de sociólogo vincou as responsabilidades do católico na hora presente. As palavras do Senhor D. António calaram fundo em nossos corações. Sentimos, nelas, a esperança viva e constante da Igreja nos vicentinos e na acção social católica. Apesar de diferentes, no seu aspecto orgânico, espiritualmente Acção Católica e Sociedade de S. Vicente de Paulo visam a conquista do mundo para Cristo.

Dois temas foram apresentados: «O que os vicentinos esperam do sacerdote» e «o que o sacerdote espera dos vicentinos». O primeiro, desenvolvido por um professor universitário. O segundo, por um sacerdote. Fizemos por não perder uma palavra. Temas aliantes, oportunos. Extraímos um ponto digno de menção: necessidade de maior espiritualidade no lar vicentino para um consequente aumento de vocações sacerdotais.

Ao olhar os temas recordamos, com saudade, Pai Américo. «Mestre do espírito vicentino» qualificaram-no um dia, algures. Realmente Pai Américo amou e difundiu apaixonadamente a Obra de Ozanam. Basta lembrar o que tanto aconselhara e exigira: não se construam casas para Pobres onde não haja o Vicentino. O visitante assíduo, o amigo, o conselheiro que lima arestas, os maus hábitos de que enfermam, por via da sua condição, os que foram da toca. E, alivia, na medida do possível, a necessidade, a fome e cria condições propícias para a elevação social e espiritual do visitado. O Vicentino é um elemento indispensável. Sem ele, a Obra do Património não é completa. Opera-se, quando não uma simples transferência do Pobre da barraca para uma casa

Cantinho dos Rapazes

— Continuação da primeira página —

colhida dia a dia, em todos os minutos, mesmo nos mais modestos minutos de cada dia.

Outro sacerdote não menos ilustre me dizia há pouco: «Isto nasceu contra toda a razão de nascer. Cresceu contra toda a razão de crescer. Dura contra toda a razão de durar». É que isto «é uma explosão do Sobrenatural».

Antes que mais ninguém o soubesse, soube-o Pai Américo. En já vos tenho dito das vezes que lhe ouvi exclamações de surpresa: «Eu sou o maior assombrado!» «Mas fui eu que escrevi!» «Mas fui eu que disse!» Sim, tinha razão. Aquilo que escrevia, ou o que dizia, ou o que fazia — eram «explosões do Sobrenatural». Por isso os homens se prendiam e prendem aos seus escritos, às suas falas, às suas obras. Que os olhos dos homens estão afeitos a muita luz. Só a Luz os assombra.

De tudo isto me lembrei, meus rapazes, ao perguntar-me o porquê da recente vinda de três Amigos ao meio de nós em busca de refúgio. Um Chefe, um Pai e um Noivo, em vésperas de passo importante em suas vidas.

— Porque vieram?... Por quem vieram? Senão porque atraídos pela «explosão do Sobrenatural»!

Grande consolação a nossa! Tremenda responsabilidade a nossa! Aqui, não é fácil a desculpa se não vivermos do Sobrenatural.

nova. Mais nada.

«Mestre do espírito vicentino» qualificaram-no um dia, algures. Nunca tanto como agora, no seio do Pai Celeste — suprema ambição da sua vida de «Procurador Geral dos Pobres de Portugal».

Júlio Mendes

Sejamos

VICENTINOS 100%

Não julguemos que praticamos a Caridade, se não formos visitar o Pobre como se fôssemos visitar os nossos pais, ou ainda mais, o próprio Cristo.

Ser vicentino, não é dizer sou vicentino, mas sim, quero ser vicentino; isto é, por mais que façamos a favor do Pobre ainda estamos a começar a carreira. Já o Pai Américo dizia: «Eu quero ser santo»; e não dizia «sou santo».

Ponhamos os olhos na maneira como Pai Américo tratava os Pobres. Foi Mestre e nós temos que seguir a rota que nos traçou. Quem com mais obrigação do que nós, Gaiatos?

Quem quiser ser confrade tem que entrar com o espírito de sacrifício. Ai daqueles que entram para esta missão e assim não pensam. Julgando que estão a enganar alguém, estão a enganar-se, a si mesmos, não se lembrando que no Juízo Final são desmascarados e ouvirão a sentença: «Já recebeste na terra a tua paga». Portanto, cuidado! Não sejamos vicentinos pra sermos bem vistos, porque não tiraremos proveito algum. Pecamos a graça de Deus e não precisamos de mais nada. Fazer o Bem bem feito, para ouvirmos: «Tive fome, deste-me de comer». Queremos nós maior recompensa?

De mais a mais filhos desta Obra, não fomos porventura tirados da miséria pelo nosso envio do Senhor?

Porque não procuramos ser também um desses enviados de Deus?

Porque não havemos de depositar um pouco da nossa boa vontade nas mãos de Jesus Cristo?

Aqui ficam estas considerações para quem quiser meditar. Ouçamos pois a voz da nossa consciência.

Fernando Dias



Contrastes



PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

— Está a levantar-se a passos de gigante a grande Obra do Calvário de Beire. Ali, como na cidade dos rapazes está impressa, bem impressa a relevo, a imagem do Pai Américo. Não levará muito tempo que muitos irmãos Pobres sejam resgatados e regressarem da morte à Vida. Sejam tratados como seres humanos que são e não com repugnância de todos, que são enxotados e a quem se negam, como a Lázaro, as migalhas da nossa mesa!

Mas, como muito bem e com toda a mestria dizia Pai Américo, eles são a nossa maior riqueza. Os degraus por onde subimos a escada do Céu!

A semente foi lançada à terra e, a seu tempo, lá aparecerão os frutos, grandes e belos, colhidos por todos os que quiserem, os homens de boa vontade, que acordam ao som do toque do clarim da Verdade, Justiça e Amor! Beire, será dentro de pouco tempo, a obra do Gigante que morreu agarrado à Cruz que salva e redime!

— O António Martins, O célebre Papagaio de outros tempos (hoje não se chama assim, porque já tem bigode!) anda agora com a febre de toureiro. Os assuntos de conversa de sua preferência, são relacionados com a arte de tourear. Fala do Manuel dos Santos, Manolete e muitos outros ídolos que aqui não podemos fixar por falta de espaço e diz que a sua maior aspiração era morrer na arena e está plenamente convencido que vai ser um grande toureiro!

— Mata, Martinez!

— Força! Bravo, Martinez! A orelha! A orelha!

Depois, tem muita ginástica. Quem estiver à sua beira corta relações com a tristeza. É um ponto! E quando começa a anunciar:

— O homem que delta lume pela boca! E toda a pequenada atrás dele. Este é que é um dos capazes de fazer fechar o comércio!... Boa Martinez!

— Verão, Vem aí o calor. Começamos a procurar as frescas sombras. O rio Sousa, que fica a dois passos da nossa aldeia, é o principal atractivo. São os banhos. O gosto que a malta tem de andar na água. A chafariz, atrair com areia uns aos outros, nadar, dar mergulhos. Todos os domingos, somos uns banhistas.

Porém, aparece-nos agora um problema. São os fatos. Precisamos de fatos, para todos, coisa que não acontece neste momento. Como agora os fatos, ou melhor, a regra dos mesmos é diferente, pode ser que a coisa se componha. Os modelos antigos para nós são modernos. E pronto. Cá estou eu a modelar aos estimados leitores, na certeza de que serei escutado. Vai ser bonito amigos leitores ao mandarem para cá os fatos de banho.

Quem é o primeiro a apresentar-se ao serviço? Cá ficamos esperando.

— São José Operário. Também cá festejamos esse dia com muita alegria. Houve Missa, comer melhorado e das 16 horas em diante foi efêriado municipal.

O dia de S. José também é o nosso porque operários somos todos nós. Foi também dia dos tipógrafos, que tiveram uma merenda substancial.

— Quinze de Maio. Fez anos o Júlio Mendes que convidou para ir jantar a sua casa o Sr. Padre Carlos e o Sr. Padre Sobral juntamente com alguns chefes de oficinas. Foi um dia alegre por parte do Júlio e respectivos funcionários da Tipografia que lhe ofereceram uma prônda, que ele, comovido, agradeceu muito.

Fizemos votos que esta data se repita por muitos e felizes anos.

Do que nós necessitamos

— Continuação da 3.ª pag. — Casal Angolano, 20.000 angolares de promessa; Lourenço Marques 100\$00 e pedido de Missa em acção de graças e outra vez 100\$00; e é testemunho de Fé e Esperança, de quem recebe graças sem conta nem peso nem medida da Misericórdia do Pai do Céu.

Tal como nós!

— Continuam a visitar a nossa aldeia. São antónicas romarias, como por mais do que uma vez aqui temos dito. Também não faltam à campã do Pai Américo, onde ajoelham e rezam ao Pai dos Pobres que continue a proteger a sua Obra. Trazem também grupos de futebol que se exibem com o nosso onze desportivo.

Daniel Borges da Silva

TOJAL

Quando Santo Inácio procurava atrair S. Francisco Xavier ao serviço de Deus, dizia-lhe: — Porventura houve já algum rei que levasse para o outro mundo um fio de púrpura como sinal da sua dignidade? Levou já algum rico consigo alguma pequena coisa, ou algum servo para sua comodidade?

Estas interrogações que fizeram com que S. Francisco se meditasse tanto, havíamos de as fazer muitas vezes a cada um de nós. Então, veríamos que nada nos aproveitava adquirir bens terrenos, pois que na morte se há-de largar tudo e tudo se há-de deixar no leito em que se exala o último suspiro.

Quem pensa na morte vê que todos os bens desta vida se reduzem ao que são — sem valor e sem duração. O nosso coração não se apegaria às coisas da terra, desde que se reflectisse que há-de ser forçoso deixá-las em breve.

Abramos os nossos olhos e o nosso coração para aqueles que nada possuem neste mundo — os Pobres.

Gostaria de pôr no Famoso — recebemos tanto para a nossa Conferência, mas... fui obrigado a pôr — precisamos de tanto para a nossa Conferência. Notícia triste, mas é verdadeira!

Tivemos semanas a dar aos nossos pobres só arroz e a outros nada. Falta-nos o dinheiro. Temos agora algum, mas dentro em breve estamos nas mesmas circunstâncias se não nos auxiliarmos. Não se esqueçam dos nossos pobres. Mandem para cá, já não peço tudo, senão chamem-me-lam sei lá o que, mas alguma coisa que tenha a mais nas vossas casas.

Caros amigos, por hoje nada mais, peço-vos apenas que não vos esqueçais do meu pedido.

Zé do Porto

Venda na Beira Baixa

COVILHÃ — Agora vou vender sozinho o nosso jornal à cidade da Covilhã. É na sexta-feira à tarde, sábado e domingo.

Toda a gente me trata muito bem mas vendo poucos jornais. Será por eu ainda ser pequenito? Pois por isso é que me deviam ajudar para eu andar contente, dizer muito bem da gente da Covilhã.

Agora só lá vendo trezentos e o Pião e o Figueiredo vendiam setecentos.

Os meus maiores amigos são o Sr. João e o Senhor Padre Andrade. É lá que eu como e durmo. Bem hajam. Deus queira que eu agora comece a vender muitos mais gaiatos na linda cidade da Covilhã.

Cabouco

C.o Branco e Fundão

Vou começar por contar os meus dias de venda em Castelo Branco e no Fundão. Saio de manhã cedo de casa e chegado a Castelo Branco vou para o combóio até ao Fundão. Logo que lá chego, por toda a parte pessoas a perguntar-me: Já tens onde ir almoçar? E jantar?

Esta gente é tão boa que já tenho onde ir comer estes dias todos.

— Não sabia que vocês cá eram tão bem recebidos.

Mas não ficamos só por aqui. Há dias perguntou-me um senhor:

— Vocês agora vendem cá menos jornais?

E eu respondo:

— Vendemos sim, meu senhor.

— Quantos jornais trazes?

— Muitos e na mão trago dez.

— Então deita-os em cima dessa mesa.

Para que todos saibam agora só

vai o «Cabouco» vender à Covilhã e eu fico no Fundão e em Castelo Branco. Vendo no sábado e domingo.

Chegamos a casa e logo o Sr. Padre Horácio se queixa que vendemos muito menos do que o «Pião» e o «Figueiredo».

Custa-nos tanto ouvir isto! Caros leitores: que o Sr. Padre Horácio possa dizer:

— Hoje sim, já venderam mais alguns.

Manequim

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

PELOS NOSSOS POBRES: Acabaram os géneros da Caritas. Acabaram as consoladeles. Ele foi queijo, manteiga, feijão, leite e farinha. Um mundo de coisas boas! Aos domingos é que era. Saca às costas e ala que estrala: montes, vales, estradas, caminhos, distâncias, quais obsiduculos! O Pobre tem que receber em sua casa o que lhe pertence. No meio dos seus, debaixo das suas telhas. Aqui, não. Por via do abodo. O abodo não é cristoão, não é Caridade, é exibição. Há que fugir a pé juntos desta máscara fácil com que o mundo pinta a Caridade. O Pobre merece muito respeito. É nosso irmão em Cristo Jesus. Membro do Corpo Místico. Fugir do abodo; sim. A gente deleitase de ouvir, a sós, fora do bulício, do turbilhão, os sons do visitado. Aquelas exclamações bem sinceras, tão próprias: cheias de amor, um amor que penetra e seduz. Seduz a amar mais. Cada vez mais.

E o leite? O leite prós crianças? Isto nem se fala! Houvesse dele, sempre. Tivesses cada freguesia ração para cada um. E quais mazelas, quais doências! Eu vi. Eu vi dar cor às crianças sem cor. Dar vida a quem vegetava. E o leite. Crianças e leite, duas palavras que se casam. Uma não pode estar sem a outra. Não pode. Quando terão todas a sua ração, com regularidade: todas as da nossa querida Pátria?

O que faz o leite? Os miúdos vêm-nos esperar à porta. Se família numerosa, um cacho; se não, um botão de rosa cheio de beleza. E que beleza! A saltar. A rir. A brincar. E o leite. Mais nada.

O QUE RECEBEMOS: De «Uma Matias» 5\$00. Assinante 610, 20\$00. Idem 6.497, 30\$00. Idem, 27.455, 10\$. A conhecida senhora A.F., do Porto os 25\$00 do costume. De «Uma Portuense», 10\$. Assinante 805, idem, Lourenço Marques, assinante 7.072, 50\$00. Ainda para a máquina de costura recebemos, agora, 1.140\$00 dum leitor de Leopoldville, Congo Belga, e pede ao Senhor saúde para sua esposa e que é bastante doente.

Atenção Zé dos Pobres! Cá vão os 40\$00 para duas famílias pobres. Agora, a 6.ª prestação mensal da minha dívida, 100\$00. E é tudo.

Júlio Mendes

Ecoss do Gerez

Vimos em Maio, altura em que as termas começam a funcionar e em que há mais calma.

Neste momento, ocorre-nos ao pensamento a pessoa do Pai Américo. Veio algumas vezes connosco para aqui. Tivemos o prazer espiritual de acompanhar e conviver de perto com ele. Os dias tinham o ar festivo de agora. Estamos no Parque... Tudo admirava. A tudo fazia uma exclamação com um A muito prolongado, pondo-lhe o eunho da sua fina sensibilidade. E arrastava-nos com ele, fazendo-nos contactar com o que lhe ia na alma.

— O... Olha que lindo!

— Ves?! A natureza! A natureza!...

Depois fomos até ao lago. Atirei umas migalhas. Os peixes pegavam-se, e ele dizia por entre um sorriso:

— Que engraçado!

Depois concluiu:

— Até parecem vocês. Eu ando por lá, vou à procura e vós sempre à espera que eu vos meta no bico.

Mas o cunho tão natural com que Pai Américo nos conquistava a alma é que tinha valor. Todos nos rendíamos à sua forte personalidade.

Sim, o Pai Américo também tem parte da sua história ligada a esta estância de cura e repouso.

De uma vez, juntamente com o Amadeu Mendes e o Sérgio ao volante, dá a ordem:

— Vamos por aí fora... Vamos correr mundo!... Olha: Já estou farto disto. Quero tomar ares novos.

E assim foi. Morria em forma. Nós lá dentro. Passamos por Caldelas e levámos Júlio Mendes e esposa que estavam em tratamento.

Carro ao caminho e palmilhámos uma grande parte do Minho, do qual Pai Américo só dizia bem.

Por fim visitamos o Santuário de Nossa Senhora da Penha, que fica no concelho dos Arcos de Valdevez.

O carro foi até onde pôde. Apareceu o caminho estreito e com muitas pedras. Até aí bem foi mas depois é que foi o cabo dos trabalhos. O

caminho estreito mais. Depois apareceu uma enxurrada. Ocupava o caminho todo. Cada um foi-se arranjando como pôde. Para trás é que não estávamos dispostos a voltar, depois de tanto caminho trilhado. Uns tiraram os sapatos. Os calçados iam com os pés encharcados. Pai Américo seguia do sandálias com fivela. Pareciam uns barcos... Aparece um carro de bois para salvar a situação.

Pai Américo diz com ar brincalhão: — Oh ti Manel, posso ir pra criaba?

Depois da resposta afirmativa, sobe e toca a limpar os pés. E depois ri-se com este imprevisível. Seguimos pelo monte acima até chegarmos ao Santuário. Magnífico! Belo mesmo. Muito forte, construído sobre a rocha. Para o outro lado havia uma soberba escadaria, feita da melhor pedra, estando ladenda de capelinhas que nos descreviam sugestivamente os principais passos de Jesus na Terra, para redenção da pecadora humanidade.

— Que coisa grande! Como se lembraram de fazer obras tão belas, no meio de pedras, montes, onde não há ninguém?

O entusiasmo atingiu o auge quando deparou com um cemitério humilde. O mais que possa ser, Terra muito areenta. As campas muito pozeirinhas. Não se via uma única flor! — Como a humildade é grande! Olá meus filhos, nunca vos queirais fazer grandes. Benditos são os humildes!

E depois de suspirar fundo e em tom de grande sinceridade de alma como só ele sabia manifestar:

— Como seria feliz! Como desejava morrer numa campá assim!

E a verdade é que a última morada de Pai Américo na terra é quase idêntica. Só uma diferença: Tem flores, e os queridos irmãos Pobres que são luzes a acender-se, para que a Obra da Rua se dilate e espalhe o fogo do Alto que vai alimentar os nossos corações.

Daniel Borges da Silva

Casas para Trabalhadores

Falou-se muito às classes desprotegidas em direitos, regalias, reivindicações. Era uma doutrina que se fundava em bases verdadeiras, pois nem sempre a Justiça Social se realizava nas empresas, no mundo do trabalho.

Mas nem sempre se insistiu bastante e ao mesmo tempo, nos deveres, no trabalho mais aperfeiçoado, no sacrifício.

Querendo conquistar a massa trabalhadora mentiu-se-lhe ou ao menos enganou-se. O movimento de Casas para Trabalhadores pelos próprios trabalhadores não se ilude com muito pão e pouco trabalho, com salários altos, férias pagas, bónus, abonos, seguros e

muitas outras coisas mais que por aí se apregoam à boca cheia e à boca calada, sem uma palavra sobre morigeração, sobre actos de economia, sobre o bom emprego do tempo, o bom emprego do dinheiro. A vida digna, a vida cristã, a vida verdadeiramente humana nunca foi fácil para ninguém, nem tão pouco o virá a ser. Mesmo em tempo de paz o homem tem de considerar-se um soldado com inimigos a vencer, com lutas a ganhar. O resto será o culto do comodismo, será o caminho do... comunismo. O movimento de Casas para Trabalhadores está a interessar algumas terras do país. Graças a Deus já se não trata bem duma experiência local. É o momento de se falar nas horas de trabalho extraordinárias, nas pequenas economias diárias que todos temos de fazer. Mas todos, isto é, benfeitores e operários. Cada casa fica a valer — contando mão de obra e materiais — entre trinta e quarenta contos.

E ninguém se assuste, porque se os operários e os seus amigos enveredarem pelo caminho da limitação, pela mística da renúncia, serão construídas muitas e muitas casas. Com a «religião» das facilidades, dos direitos, etc. é que nada se consegue, a não ser aumentar a miséria. Ajudaremos aqueles que se ajudarem a si mesmos. O contrário é enganarmo-nos uns aos outros.

Padre Fonseca



Os sapateiros da nossa aldeia não têm mãos a medir.